

Sarney prega união do centro contra o avanço da esquerda

por Ricardo Balthazar
de Pirassununga

O presidente José Sarney disse na sexta-feira, em Pirassununga (SP), que a sociedade brasileira deve "combater esse tipo de esquerdismo anárquico que procura destruir os valores democráticos e usa a liberdade para destruir a liberdade". Nos últimos dias, o presidente tem repetido com frequência críticas a setores da esquerda que saíram vitoriosos das eleições municipais de novembro, sem, contudo, identificá-los.

Ainda na sexta, durante seu programa semanal "Conversa ao pé do rádio", Sarney intensificou essas críticas e pregou a união das forças políticas de centro contra as "soluções extremistas": "O centro é o equilíbrio", afirmou. "Aqui, mal fechadas as urnas, surgiram vozes e trombetas de grande radicalismo que, se não combatermos logo, serão o germe da própria derrocada do projeto democrático brasileiro."

Poucas horas depois que o programa foi ao ar, o presidente chegava à base aérea da Academia da Força Aérea (AFA) em Pirassununga, a 220 quilômetros de São Paulo, onde participou da solenidade de formatura de 186 aspirantes da Aero-

náutica. Estavam com ele o governador paulista, Orestes Quércia; os ministros do Exército, Leônidas Pires Gonçalves; da Marinha, Henrique Sabóia; da Aeronáutica, Octávio Moreira Lima; do Estado-Maior das Forças Armadas, Walber Lisieux, além do chefe da Casa Militar, Rubem Bayma Denis, o chanceler Roberto de Abreu Sodré e outros militares.

"Não critiquei a esquerda brasileira", disse Sarney antes de voltar a Brasília. "Ao contrário, acho que a esquerda ideológica e convicta é, sem dúvida, uma parte importante do processo democrático, faz parte do pluralismo." Falou no "esquerdismo anárquico", mas não identificou os setores que condenava. "Não é preciso", explicou. "Todo dia sentimos que eles estão latentes dentro do País. E devemos estar atentos, porque o meu dever é consolidar a democracia no Brasil."

"Tenho alertado o País contra os extremismos, contra os dogmas absolutos, contra o modismo anárquico, que no fundo não é ideologia nenhuma, dizendo que as forças de centro têm de se organizar em benefício do próprio equilíbrio e da relatividade das opções, das expectati-

"Não tenho restrições"

por Ricardo Balthazar
de Pirassununga

O governador de São Paulo, Orestes Quércia, disse na sexta-feira que é contra a formação de uma frente política que tente derrotar as candidaturas de Luís Ignácio Lula da Silva (PT) e Leonel Brizola (PDT) nas eleições presidenciais do próximo ano. "Não tenho restrições contra eles", afirmou quando deixava a base aérea de Pirassununga.

Recentemente, o deputado Ulysses Guimarães, presidente nacional do PMDB, sugeriu numa entrevista à imprensa a formação de uma frente de partidos contra o avanço do PT e do PDT nas próximas eleições. "Se o Lula ou o Brizola

for presidente, garanto que não vamos ter tantos problemas como estamos tendo hoje aqui em São Paulo", disse Quércia sexta-feira.

O governador paulista retomou as críticas que tem feito à posição do governo nas negociações em torno da rolagem das dívidas, mas afastou a possibilidade de um rompimento imediato do PMDB ou dos governadores do partido com o presidente José Sarney. "Ninguém quer romper com ninguém", disse Quércia. "Essa questão do relacionamento com o presidente é uma coisa secundária. Há uma definição maior que o PMDB tem que ter, no sentido de se firmar como partido, com suas bandeiras políticas."

vas que se oferecem numa sociedade democrática", disse o presidente em seu programa no rádio.

No seu pronunciamento, no rádio, Sarney insistiu no assunto: "(A política) não é a prática de grupos de violência — grupos que não representam somente a violência armada, mas a violência verbal, talvez pior do que a outra, intimi-

dadora, cerceadora da liberdade das consciências, atuando como brigadas fascistas. É uma espécie de terrorismo moral, é o patulhamento intelectual. Tudo isso faz com que esse esforço democrático brasileiro possa ter sombrias ameaças e seja decepcionante que esse tipo de comportamento possa ter compreensão".

"A liberdade como estágio tático"

Esta é a íntegra do pronunciamento feito na sexta-feira pelo presidente José Sarney em seu programa semanal "Conversa ao pé do rádio":

"Brasileiras e brasileiros, bom-dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney, em mais uma "Conversa ao pé do rádio", nesta sexta-feira, dia 9 de dezembro de 1988.

Estamos chegando ao fim do ano, ano de dificuldades em que se acentuou a crise do Estado brasileiro. Tivemos que pagar grandes custos políticos pelas medidas que tomamos, destinadas a evitar a desorganização das finanças públicas com cortes substanciais de verbas e programas, tudo isto com a finalidade de combatermos o déficit público, matriz importante do processo inflacionário que temos de evitar a todo custo.

Podemos afirmar que esta etapa de organização das finanças públicas foi vencida. Hoje, a inflação brasileira não pode ser debitada à desorganização dos gastos do governo. Estes estão dentro das metas e chegamos a números excepcionais, que mostram a determinação e a coragem do governo.

Encerramos o primeiro semestre com um déficit de apenas 0,75% do PIB e até setembro os nossos números eram de 1,6%. Temos a certeza de que ficaremos abaixo dos 4% que tínhamos como objetivo para este ano de 1988. É uma grande vitória. Para 1989, nosso objetivo é um déficit zero. Para isto, temos naturalmente de obter a colaboração decisiva do Congresso brasileiro.

Hoje, portanto, sabemos que a inflação nossa tem muito de psicológica e inercial, o que faz com que sem a participação da sociedade seja praticamente impossível vencê-la. Daí a necessidade do pacto, que pretendemos ver realizado para que o controle de preços seja feito com a participação dos empregados, dos empregadores e do governo.

Nós estamos cumprindo a nossa parte, mas é preciso avançarmos cada vez mais. É preciso que o povo apóie o pacto, cobre o pacto. O pacto evitou o pânico da hiperinflação, desde os boatos das quintas-feiras até as especulações que circulavam em todos os setores financeiros. Mas o pacto somente pode avançar com maior audácia se tivermos, como eu disse, uma consciência nacional de sua importância.

Estamos nós todos, cada vez mais, num mundo que busca formas consensuais para a solução dos seus problemas. No

Brasil mesmo, quando fizemos a opção democrática, sabemos que a democracia importa numa responsabilidade de todos.

O pacto deu certo em toda a parte. Por que não dar certo no Brasil? Por causa da politicagem? Porque a especulação não permite? Porque a ganância não tem limite? Porque não há patriotismo? Não podemos nos conformar com estas perguntas. Temos que dar respostas positivas a todas elas.

Vejam que as grandes potências se unem. Dão ao mundo uma perspectiva de um longo período de paz, o que possibilitará o crescimento da economia mundial. Fazem acordos muito mais difíceis, como o da diminuição do arsenal nuclear e convencional. Ainda ontem, o presidente Gorbachev surpreendia a Organização das Nações Unidas com um discurso no qual ele anunciava a retirada de cerca de 500 mil homens na Europa do Leste. Nos Estados Unidos, executam o chamado acordo de Washington, com a retirada dos mísseis estratégicos da Europa, conjuntamente com a União Soviética. Os conflitos regionais declinam. Uma coisa, que parecia impossível, se realiza: o cessar-fogo na Guerra Irã-Iraque. Busca-se a paz no Cam-pucheia. Em Angola, há negociação, na América Central também. Inicia-se a retirada das tropas de ocupação do Afeganistão.

O mundo se distende, busca se entender na solução dos seus problemas. A inteligência do homem com o marco do novo século organiza-se para vencer desafios tecnológicos e científicos nunca imaginados. O Brasil, depois de construir uma sociedade industrial, a maior abaixo do Equador, organiza suas instituições políticas, sai do processo do autoritarismo para a democracia plena. Conclui a transição democrática num clima de grande esforço, de paz, de diálogo, sem exclusão de ninguém, com a ativa participação da sociedade, com a livre circulação das idéias, com uma liberdade que nunca existiu em nosso território.

Pois é justamente dentro desse horizonte, desse quadro de grandes esperanças e conquistas, que nos choca o baixo padrão que se procura inocular em alguns setores da vida política do País, numa demonstração de imaturidade, de anacronismo, numa pregação de um maniqueísmo intolerável, da visão entre o bem e o mal, numa busca de culpados e inocentes, como se os problemas não fossem mais complexos, como se não tivéssemos de nos debruçar sobre eles, de conjun-

gar esforços, de analisá-los e não enganar o povo numa demagogia cada vez mais devastadora.

Nós sabemos que a sociedade democrática é a sociedade da convivência em que todos têm as mesmas responsabilidades, os mesmos direitos, os mesmos deveres. É a prática de grupos de violência — grupos que não representam somente a violência armada, mas a violência verbal, talvez pior do que a outra, intimidadora, cerceadora da liberdade das consciências, atuando como brigadas fascistas. É uma espécie de terrorismo moral, é o patulhamento intelectual. Tudo isso faz com que esse esforço democrático brasileiro possa ter sombrias ameaças e seja decepcionante que esse tipo de comportamento possa ter compreensão.

Não é isso que nós desejamos porque a violência gera violência e aí a confrontação fica mais perto, abrindo campo para forças extremistas e saudosistas que estão sempre latentes em toda sociedade. Queremos a democracia, devo repetir, como um sistema de valores e não como uma etapa tática.

Finalmente, minha mensagem de otimismo, como faço sempre. Tudo isso, eu acredito que nós venceremos. Nós venceremos o subdesenvolvimento político e nós venceremos as dificuldades econômicas. Com que orgulho, por exemplo, eu ouvi ontem o presidente da União Soviética, o senhor Mikhail Gorbachev. União Soviética, que divide com os Estados Unidos a qualidade de superpotência, não comungando dos mesmos princípios ideológicos que nos regem e por isso mesmo uma voz isenta, afirmar, com grande realismo e objetividade, que os graves problemas do mundo têm de ser discutidos com a presença também do Brasil. Do nosso Brasil, que ele reconhece como uma grande potência.

O mundo inteiro acredita no Brasil. Por que existem brasileiros que não acreditam no País, se nós fomos capazes de construir esta grande nação, os nossos antepassados, com maiores dificuldades do que nós que já desfrutamos de recursos e meios que eles não tinham, e eles atravessaram essas dificuldades todas e construíram e souberam edificar e nos entregar esta nação poderosa do presente.

Agora, portanto, eu acho que é necessário, constantemente, repelir, afastar do nosso caminho, os pregoeiros do caos, os aproveitadores da miséria, que à custa de destruir esperanças visam construir projetos exclusivamente políticos. Lutei, luto e lutarei contra tudo isso, a favor do Brasil e do nosso grande futuro.

O povo sabe que eu o faço com sinceridade, e eu quero cumprir o meu árduo dever. Bom-dia a todas as brasileiras e brasileiros que tiveram a gentileza de me ouvir".

A democracia não corre riscos, afirma Covas

A democracia não corre riscos e as eleições vão realizar-se normalmente, garante o virtual candidato do PSDB à Presidência da República, senador Mário Covas. Contrário a qualquer alteração no calendário eleitoral, como a redução do mandato do presidente José Sarney, Covas, segundo a Agência Globo, prevê que o eleitor, em novembro do próximo ano, vai votar nos candidatos progressistas que representam mudanças no País. "O povo não está atrás de quem lhe ofereça o paraíso.

Confiar, ele vai desconfiar destas promessas. Ele quer jogar suas esperanças no realizável, numa proposta que possa realmente concretizar-se. O povo disse com muita clareza o que quer e nos apontou o rumo para 1989", disse Covas.

A decisão do eleitor, para ele, não terá cunho ideológico. Será política, com um apelo mudancista.

Caso seja eleito, Covas defende um projeto capitalista, privatizante e a implantação do parlamentarismo em 1995.

Para Moreira Lima o momento é "delicado"

Quanto menos os militares interferirem ou se pronunciarem sobre questões políticas melhor para o processo democrático. Foi o que declarou na sexta-feira o ministro da Aeronáutica, Octávio Moreira Lima, ao comparecer à solenidade de diplomação do curso de política e estratégia aeroespacial e dos cursos de estado-maior e superior de comando da Acomar — Escola de Comando do Estado-Maior da Aeronáutica, no Rio.

Na opinião de Moreira Lima, segundo divulga a

agência oficial Radiobrás, o papel das Forças Armadas é garantir a Constituição e dar segurança aos três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. O ministro adiantou que do-ravante pouco falará sobre política, admitindo que o momento brasileiro é "delicado e importante".

Ao destacar que estava falando pela Aeronáutica, e não respondia pelos outros segmentos das Forças Armadas, Moreira Lima garantiu que está defendendo a despolitização da Força Aérea.